
Entrevista de Domingo

Matéria publicada em 01/09/13

Marco Bertaiolli

Os desafios entre tradição e modernidade

No dia em que a cidade completa 453 anos, o prefeito Marco Bertaiolli revela o que os mogianos têm para comemorar e o que devem esperar do futuro

Cleber Lazo
Da Reportagem Local

Mayara de Paula



Mogi das Cruzes completa 453 anos hoje. No município mais velho do Alto Tietê, mas que está em franco desenvolvimento, seus administradores enfrentam, diariamente, o conflito entre decidir pela construção de algo novo ou reformar aquilo que precisa ser modernizado. E este é o dilema vivido pelo prefeito Marco Bertaiolli (PSD), que, em entrevista exclusiva ao Mogi News, falou sobre o que os mogianos podem comemorar neste aniversário e o que mudou em Mogi após as manifestações nas ruas. "Mogi é complexa porque é muito antiga, como sua própria idade traduz, mas é uma cidade que ainda está em construção, em desenvolvimento. Então, nós debatemos sobre dois itens principais: construir o novo ou reformar". "Mogi é uma cidade de múltiplas faces e precisamos ficar atentos a todas elas" disse.

Para o prefeito, "o País está se desenvolvendo e se indignando", porém, "o próximo passo destas manifestações é conseguir identificar claramente o que devemos cobrar e de quem devemos cobrar". "Nós pagamos impostos altíssimos, mas quem é que recolhe esses recursos e de quem eu tenho de cobrar esta qualidade dos serviços? Ao responder estas questões, tomamos consciência de que os impostos que pagamos estão concentrados no governo federal", afirmou. "Ainda vivemos na época da monarquia, em que o rei recebe todo o dinheiro do seu povo e vai distribuindo de acordo com suas vontades", classificou.

Mogi News: O que o mogiano pode comemorar neste aniversário?

Marco Bertaiolli: Não tenho dúvidas de que vivemos em uma cidade com muitos itens para serem comemorados. Temos qualidade de vida, mas estamos em uma cidade que, como ainda está em construção, apresenta desafios constantes. O que podemos comemorar é a qualidade de Mogi. É nítido o crescimento, enquanto existem milhares de regiões que estão estagnadas. Mogi é um município em prosperidade.

MN: Destaque uma ação, projeto ou obra que pode simbolizar esse momento festivo...

Bertaiolli: Não é possível destacar apenas uma ação. Mogi é uma cidade de 453 anos, que tem uma administração muito complexa. Complexa porque é muito antiga, como sua própria idade traduz, mas, mesmo sendo antiga, ainda está em construção, em desenvolvimento. Então, nós aqui debatemos sobre dois itens principais: construir o novo ou reformar o que precisa ser modernizado. Tem sido, e todos reconhecem isso, o alvo principal da nossa administração a saúde e a educação. Na educação, é o programa de expansão de vagas nas creches e as escolas de período integral. Na saúde, o SIS (Sistema Único de Saúde) acabou sendo premiado como uma das inovações de gestões públicas. Também vamos colocar um hospital municipal para funcionar. Temos o maior programa habitacional da região metropolitana. Teremos obras importantes de mobilidade urbana, como a avenida que vai ligar Mogi ao Rodoanel, além da passagem da Sacadura Cabral. E, ainda, lançamos o Recicla Mogi.

MN: O que mudou em Mogi após as manifestações populares?

Bertaiolli: O País está se desenvolvendo e se indignando. Estamos tomando conhecimento de que todo o volume que nós contribuimos de impostos é significativo, porém, os serviços que deveriam ser obtidos pela população não estão na mesma proporção de qualidade e quantidade. Ora, nós queremos que os serviços públicos tenham o mesmo cuidado que o padrão Fifa, isso é, aquele que o governo brasileiro teve com a construção dos estádios para partidas de futebol.

MN: E qual é o papel da Prefeitura nesse processo?

Bertaiolli: O próximo passo destas manifestações é identificar claramente o que devemos cobrar e de quem devemos cobrar. Nós pagamos impostos altíssimos, mas quem é que recolhe esses recursos e de quem eu tenho de cobrar a qualidade dos serviços? Ao responder essas questões, tomamos consciência de que os impostos que pagamos estão concentrados no governo federal. Quase 90% das manifestações foram reivindicatórias de serviços que deveriam ser custeados pelo governo federal, mas que são executados pelas prefeituras sem a contrapartida financeira adequada. Enfim, nós ainda vivemos na época da monarquia, em que o rei do governo central recebe todo o dinheiro do seu povo e vai distribuindo de acordo com suas vontades e concessões. Em muitas cidades, a prefeitura é alvo desta cobrança por melhores serviços, mas não está claro para a população de quem é a responsabilidade dos serviços.

MN: Quanto a Prefeitura é prejudicada por essa divisão desigual de impostos?

Bertaiolli: Quando nós falamos de saúde pública, ninguém tem a consciência ou a obrigação de saber qual é a parte do Estado, da União e do governo do município. Eu posso garantir que em Mogi a Prefeitura vai além das suas obrigações constitucionais em relação ao pacto federativo da saúde pública. O que o Estado deveria fazer, faz menos em Mogi. O que o governo federal deveria fazer, faz menos em Mogi. Para completar essa deficiência, a Prefeitura faz mais do que deveria. Com isso, o custo de investimento na saúde pública em Mogi é muito alto para a Prefeitura, mas, mesmo assim, temos uma saúde de qualidade, que poderia ser ainda melhor, se os governos estadual e federal fizessem sua parte ou transferissem, definitivamente, os recursos para que a Prefeitura pudesse fazer tudo. Aliás, esse é o meu posicionamento, o municipalismo. É nas cidades que tudo acontece.

MN: Mas a Prefeitura pode baixar o preço da tarifa de ônibus, um dos principais focos das manifestações?

Bertaiolli: A única manifestação que houve em relação aos municípios estava relacionada à tarifa de ônibus, que teve início com uma má explicação da Prefeitura de São Paulo em relação ao aumento e isso acabou se alastrando por todo o País. No entanto, responsabilizar a Prefeitura pelo aumento é um equívoco muito grande. E por quê? Porque compete à Prefeitura aumentar a passagem, mas todos os insumos que compõem a tarifa não são de competência dela. Então, o que seria óbvio? Que o preço da tarifa de uma região, como a Metropolitana de São Paulo, fosse fiscalizada e protocolada pelo órgão central, o governo do Estado. Quem controla o preço do óleo diesel, do motor, da carenagem, dos pneus? Quem faz os acordos salariais? Nada disso é a Prefeitura, mas é ela quem fica incumbida da pior parte, que é a de autorizar o aumento da tarifa. É uma desproporção injusta sempre em desfavor dos municípios.

MN: E essa desproporção será ainda maior a partir de 2014, com a iluminação pública sendo municipalizada?

Bertaiolli: O governo federal aprovou uma resolução na Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) dizendo que a partir de janeiro de 2014 todos os municípios devem assumir a iluminação pública. Ora, nós já pagamos para a EDP Bandeirante. Está embutido na conta de luz que a Prefeitura paga. Um milhão de reais por mês. Do mesmo jeito que o cidadão paga sua conta, nós pagamos a nossa. Está embutida neste valor a troca de uma lâmpada se ela queimar, além dos serviços de expansão da rede. A partir de 2014, a responsabilidade sobre a manutenção passará a ser da Prefeitura, mas ela não está recebendo um centavo a mais para fazer isso. E qual foi a saída que a Aneel sugeriu? Que a Prefeitura crie uma contribuição de iluminação pública. É barato: R\$ 5 ou R\$ 10 por residência, diz a Aneel. Como assim é barato? Como o prefeito vai arcar com essa consequência, uma vez que não foi a Prefeitura quem a criou. O governo resolve que os municípios são responsáveis e a Prefeitura que se vire e crie um imposto municipal. Vamos ingressar

judicialmente contra esse absurdo.

MN: O processo eleitoral não prejudica a mudança exigida nas ruas?

Bertaiolli: O processo eleitoral precisa ser renovado, na perspectiva de uma maior participação popular. Uma delas, que é muito clara para nós, uma proposta que defendo com o meu partido é de eleger deputados por distrito e não por Estado. Veja o caso de São Paulo. Um deputado acaba sendo eleito com um pouco de votos em cada um dos 645 municípios. Quem tem um pouco de votos em cada uma das cidades tem compromisso com quem? Com ninguém. Nós estamos na Prefeitura há cinco anos e quais deputados têm nos ajudado? O Junji Abe (PSD) e o Valdemar Costa Neto (PR), que moram em Mogi e, independentemente de questões políticas, que não me compete, são os deputados que nos ajudaram com recursos e conquistas. Agora, se você for ver quantos candidatos conseguiram votos em Mogi, ficaremos assustados. Mas quais deles se comprometeram com a cidade? Dois. Junji Abe e Valdemar Costa Neto.

MN: Qual é a relação de Mogi com os jovens, os principais responsáveis pelas manifestações?

Bertaiolli: É uma relação que vem sendo construída cada vez mais. Inclusive, vamos preparar a primeira conferência municipal da juventude, que determinará as diretrizes que a Prefeitura trabalhará com essa parcela da população. A ideia é convidar e contar com a participação da juventude mogiana.